

A chama de Roquette

Em 1997, quando o governo Fernando Henrique Cardoso arrancou a Rádio MEC do Ministério da Educação e implantou-a na Secretaria de Comunicação Social, ele estava, com este ato, rompendo um compromisso antigo – assumido por Gustavo Capanema, em nome daquele ministério – e, mais grave ainda, estava quebrando a espinha dorsal do conceito da emissora. Na ocasião e várias vezes depois, chamamos atenção, nestas páginas, para o fato de que a água pura da educação não pode se misturar ao óleo da comunicação oficial.

A ida da Rádio MEC para a Secom implicou na extinção, a toque-de-caixa, da Fundação Roquette-Pinto – tradicionalmente ligada ao MEC – e a terceirização da administração da rádio para a ACERP, empresa criada também a toque-de-caixa e, portanto, sem experiência alguma em comunicação, cultura e educação.

Apesar do duro golpe, no entanto, a paisagem profissional da rádio não mudou: os mesmos técnicos e produtores – agora ex-funcionários do MEC – continuavam a tocar a programação e, da antena para fora, ninguém percebia o limbo em que a rádio estava entrando. Mas, então, de uns cinco anos para cá, foi ficando patente o êxodo, para outros órgãos públicos, daqueles antigos funcionários que por décadas pertenceram ao Ministério da Educação. Eram cerca de 50, agora são vinte e poucos. Ou seja, primeiro a rádio saiu do Ministério; depois, os funcionários que a ele pertenceram foram abandonando a rádio. Se isso estivesse acontecendo por conta da inevitável aposentadoria, saberíamos nos conformar; mas quando isso acontece com radialistas que ainda estão em pleno vigor profissional, o que dizer?

Os indianistas contam que quando uma tribo chega a um certo número mínimo de membros ela se extingue rapidamente, e que o último índio remanescente fica na mais completa solidão: só ele fala aquela língua, só ele professa aquela religião, só ele tem aquele repertório de usos e costumes. Ninguém mais.

Quando a paisagem profissional da emissora ficar vazia daqueles radialistas que um dia trabalharam para manter acesa a chama educativa do pioneiro Roquete-Pinto, o que acontecerá com a qualidade do fogo?

Luiz Carlos Saroldi



Neste número, que está saindo em um período de festas, é inevitável uma ponta de tristeza, devido ao falecimento do nosso querido sócio-fundador, duas vezes presidente, diretor e colaborador de todas as horas. Nas páginas 5 a 10 você encontrará depoimentos sobre esse grande radialista, bem como a entrevista que ele concedeu ao Amigo Ouvinte em 2003 e ainda não publicada.

Novíssimo presidente



Foto: Adriana Ribeiro

Como todas as associações de amigos, a SOARMEC elege um novo presidente a cada dois anos, mas na atual gestão, atipicamente, foi necessário eleger um novíssimo presidente – veja porque na página 3.

Audiência: a EBC ouve seu público

Em junho, no auditório da Rádio Nacional, a Empresa Brasil de Comunicação – que também administra as Rádios MEC – realizou um encontro com espectadores e ouvintes de suas emissoras. O encontro foi transmitido ao vivo, em suas primeiras horas, e a SOARMEC foi conferir a iniciativa. Veja na página 15.

“Quando defrontado com eletroacústicos, o povo se recusa a acreditar que é música e faz comparações com instâncias produtoras de ruído (de bateria de escola de samba a desastre de avião”.

Leia mais no Ouvinte permanente, página 4.

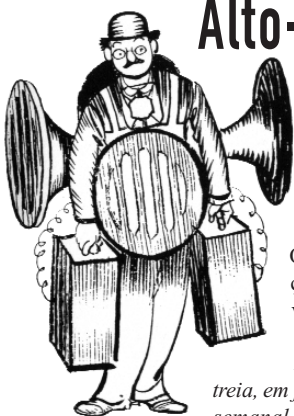


Êxodo de funcionários

Leia a repercussão da entrevista dos funcionários transferidos – páginas 12 a 14.

Boas festas ! Feliz ano novo ! Happy new ear !

Alto-Falante



A MEC AM já tem novo transmissor! Desde 21 de novembro a emissora está irradiando com potência de 100 kw. Os ouvintes já começaram a ligar e escrever comemorando.

TIM RESCALA estreia, em janeiro, um programa semanal, voltado para a difusão e introdução da música de concerto no universo do público infantil.

ATÉ O FINAL do ano, 4300 alunos cegos do ensino fundamental irão receber do MEC um *laptop* com sintetizador de voz & leitor de tela, para ler arquivos, acessar internet, etc. Mas há críticas de educadores, para os quais essa tecnologia provoca um tipo passivo de leitura, pois só por meio do braille o cérebro do deficiente visual absorve letras, pontuação e estrutura do texto. É preciso cuidado para que o desenvolvimento tecnológico não atrapalhe a alfabetização dos DVs.

A **MOSTRA Ver Ciência** exibiu este ano uma série de documentários produzidos pelo Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE), que foram recuperados pela Cinemateca Brasileira e pelo MinC. Foram eles: *Natureza Brasileira; A balata; Orchideas e Vitoria Regia; Aranhas; Flores do Campo; Gramíneas e Flores Silvestres; Cajueiro Nordestino; Ciência e Trabalho; Lagoa Santa; O Café e Jornada Kamayurá.*

O PESQUISADOR Jayme Aranha, sócio e colaborador da SOARMEC, um dos responsáveis pelo ótimo website dedicado à Rádio Sociedade (<http://www.fiocruz.br/radiosociedade>), acaba de presentear a memória brasileira com mais uma página na grande rede <http://roquettejornalista.wordpress.com>. Trata-se de uma compilação dos artigos que Edgard Roquette-Pinto publicou no *Jornal do Brasil*, de 1951 a 54. Nosso agradecimento ao Jayme!

A **EMPRESA Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT)** vai emitir um selo para comemorar os 150 anos do nascimento de Roberto Landell de Moura. O lançamento será em 21 de janeiro de 2011 e fará uma homenagem ao padre-cientista, inventor do primeiro aparelho de transmissão de vozes a distância.

FOI LANÇADA, em outubro, a revista *Radioenegocios.com*. Disponível em versão impressa e online (<http://www.radioenegocios.com>), com circulação nacional, a revista aborda toda a cadeia produtiva do rádio. O conselho editorial da *Radioenegocios.com* é composto por renomados profissionais do rádio como Álvaro Bufarrah, Cyro César e Heródoto Barbeiro.

SÃO JOSÉ dos Campos (SP) é o município pioneiro na proibição de aparelhos com som alto dentro dos ônibus. Curitiba pode ser a próxima: um projeto de lei com esse objetivo tramita na Câmara desde agosto.

O VALE cultura vale a pena? Pesquisa do Data Folha, em São Paulo, indica que o programa tem alto índice de aprovação, mas revela, também, que as pessoas usariam o dinheiro público — cerca de 3 bilhões — para, em primeiríssimo lugar, comprar CDs de música sertaneja. Depois, pela ordem, viriam cinemas e DVDs. Comprar livros estaria longe das prioridades, pouco acima dos rodeios. Balé vem em último lugar, quase empatado com museus. Vale a pena engordar mais a conta das milionárias duplas sertanejas, ou é melhor investir esse dinheiro em educação?



O **JORNAL The Guardian** traz, em uma das sessões de seu website, uma seleção de 32 capas da Revista *Radio Times* (órgão oficial da BBC) publicadas entre setembro de 1923 e setembro de 2010. Confira: <http://www.guardian.co.uk/media/radio-times>

O NOVO RELATÓRIO divulgado pelo PNUD (Programa da ONU para o Desenvolvimento) coloca o Brasil em 73º lugar no ranking mundial do IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), o que já é triste. Mas, num dos itens mais importantes (tempo médio que cada habitante passa na escola), empatado com o Zimbábue, que está em 169º lugar no ranking e é o mais atrasado do mundo. Tanto no Zimbábue como aqui, os jovens ficam apenas 7,2 anos na escola, enquanto que na Noruega (1º lugar no IDH) ficam 12,6 anos.


A UNESCO afirma, do alto de sua experiência, que só existe grande número de leitores nos lugares onde: 1) ler é uma tradição nacional, 2) o hábito de ler vem de casa, e 3) novos leitores são formados a cada geração. No Brasil, onde grande parte da população foi do analfabetismo para a TV, sem passar pela biblioteca, a média de livros lidos por ano é de um volume para cada pessoa — a menor média da América do Sul, porquanto chilenos e argentinos lêem 5 livros por ano e os uruguaios, os campeões das letras, lêem 6, anualmente.

PESQUISA nos EUA, em julho, revelou que o adolescente norte-americano (13 a 17 anos) enviava e recebia cerca de 3339 mensagens de texto, mensalmente, de seus celulares — mais de 100 “torpedos” por dia. Ou seja, os celulares já são mais acionados para escrever do que para falar. E não só porque escrever é mais barato: a tendência é planetária e acena, positivamente, para uma nova idade da leitura, provocada pelo enorme estímulo à alfabetização que o celular proporciona.

A **REDUÇÃO** de gastos promovida atualmente pelo governo britânico vai afetar a BBC: será congelada por 6 anos a licença que toda residência com TV paga, anualmente, para custear a tradicional emissora (145 libras, o que dá cerca de R\$ 400,00).

CRIANÇAS que vêem mais TV consomem mais guloseimas e têm maior risco de ficarem obesas, de acordo com estudo feito pela UNB com 330 crianças de 9 a 12 anos de idade. Segundo o estudo, comerciais com personagens infantis seriam os maiores responsáveis.

A frase “Happy new ear” é de John Cage.



Amigo Ouvinte

é uma publicação da SOARMEC
Sociedade dos Amigos Ouvintes da Rádio MEC.
De Utilidade Pública Municipal (Lei nº 2464),
Estadual (Lei nº 3048) e Federal (portaria 3935)
Prêmio Estácio de Sá 2002
CNPJ 40405847/0001-70
Praça da República 141-A Sala 201 CEP 20211-350
Tel: 2508-8295 e 21177857
www.soarmec.com.br/amigouovinte
amigouovinte@soarmec.com.br soarmec@soarmec.com.br

EDITOR-RESPONSÁVEL: Renato Rocha
JORNALISTA-RESPONSÁVEL: Érika Franziska
PRESIDENTE DE HONRA: Beatriz Roquette-Pinto

DIRETORIA:
PRESIDENTE: Carlos Acselrad
TESOUREIRO: José Oscar Santiago da Costa
ATIVID. CULTURAIS: Solange Gerardin Poirrot Leobons
COMUNICAÇÃO: Adriana Ribeiro
PATRIMÔNIO: Roberto Monteiro
SECRETÁRIO: Renato Rocha
CONSELHO FISCAL: Sérgio Cabral,
Edino Krieger e Luiz Carlos Saroldi

COLABORADORES:
SECRETÁRIA: Renata Mello **PRODUÇÃO:** Nely Coelho, Osvaldo Rocha **CONTADOR:** Júlio Lajchter
REVISÃO: Marly Pimentel **DIAGRAMAÇÃO:** J.C.Mello



Carlos Acselrad é o novíssimo presidente da SOARMEC. Esta substituição – absolutamente incomum – de nosso presidente recém-eleito, Gerdal dos Santos, pegou todo mundo de surpresa. Foi motivada por uma portaria da EBC, que desconhecíamos (de 2007), a qual, de olho no controle da corrupção, impede que empregados da EBC assinem contratos com a própria EBC, em nome de outras empresas. E o nosso Gerdal dos Santos, como sabem nossos leitores, é um veterano da Rádio Nacional, a qual, por sua vez, foi incorporada à citada Empresa Brasil de Comunicação. E, com isso, ficou criado um impasse, porque o bandido *Projeto de Radiodramaturgia*, no qual tanto temos trabalhado (e que vem se arrastando desde a presidência do Edino Krieger), foi finalmente aprovado. E agora, quando só faltava assinar, nosso presidente foi declarado impe-

O novo e o novíssimo presidente

didado. E não adiantou argumentarmos que o nosso estatuto – também de olho na corrupção – estabelece que o presidente e os membros da diretoria não podem auferir lucros ou benefícios materiais. E assim, sob pena de inviabilizar um bom projeto no qual a SOARMEC trabalha há tanto tempo, os Amigos Ouvintes decidiram, em reunião extraordinária, substituir seu querido presidente eleito, que nem chegou a esquentar a cadeira.

A propósito, que fique registrado, Gerdal dos Santos – que é sócio fundador e ex-diretor de comunicação da SOARMEC (1994/96) – logo que soube do imbróglio, colocou seu cargo à disposição, o qual foi assumido pelo vice-presidente, Acselrad. Veja, abaixo, a carta de Gerdal dos Santos que reflete o estado de espírito do nosso querido e veterano radialista, ao qual a SOARMEC agradece imenso por tudo que dele recebeu.

Carlos Acselrad

Carioca de 1939, nosso novíssimo presidente é velho conhecido de nossos leitores – é ele quem assina os ótimos textos do *Ouvinte permanente* –, e é também muito conhecido pelos papais e mães cariocas, por ser um de nossos pediatras de mais renome. Mas além de escritor e médico, ele também é músico, licenciado na Escola de Música da UFRJ, em piano, composição e regência. Estudou violino com Henrique Morelenbaum e Paulina D’Ambrosio; regência cora com John Pool, e composição com Roberto Schnorremberg. Participou da Orquestra ProMúsica, como violinista; foi violinista da Orquestra da Rádio Nacional, e violista da Orquestra da Academia Lorenzo Fernandez e da Orquestra de Câmara ProArte. Além disso, escreveu trilhas para teatro e cinema. Também interessado na música popular, Acselrad estudou composição com Maurício Carrilho e Cristóvão Bastos, além de tocar bandleim em conjuntos de choro.

Rio de Janeiro, 27 de setembro de 2010.

À Diretoria da SOARMEC

Eu, Gerdal Renner dos Santos, Rg. 884029 – IFP, CPF 022.024.507-00, formalizo nesta carta meu pedido de exoneração do Cargo de Presidente da Sociedade dos Amigos Ouvintes da Rádio MEC, para o qual fui eleito, em Assembléia Geral, no dia 05 de Julho de 2010. Esclareço, outrossim, que faço este pedido por questões pessoais, e que continuo a fazer parte do quadro de sócios, desejando sucesso a todos os companheiros da diretoria, pelo trabalho que vem sendo realizado em defesa dos ideais do grande educador Roquette-Pinto.

Atenciosamente,

Gerdal Renner dos Santos

Gerdal Renner dos Santos

Parceria Soarmec-Sinpro

Conforme publicamos em nosso último número, a SOARMEC está promovendo atividades em parceria com o Sindicato dos Professores (SINPRO), e, parte dessa parceria, é uma ótima notícia para nossos sócios: descontos nos mais de 50 cursos oferecidos pelo SINPRO, e em seus passeios temáticos. Para saber sobre os cursos do próximo período basta entrar em contato com o SINPRO pelo telefone (21) 32623440, e-mail: escola@sinpro-rio.org.br, ou visitando o website www.sinpro-rio.org.br.

Semiótica

Também a SOARMEC reeditará o curso de Introdução à Semiótica, com ênfase na linguagem musical, oferecido em setembro de 2010. Agora, o curso, ministrado pela Diretora de Atividades Culturais da SOARMEC, Solange Gerardin Poirot Leobons, está marcado para começar no dia 6 de abril de 2011, e seu encerramento previsto para 29 de junho. As inscrições estão abertas até dia 18 de março. O curso destaca três modalidades de arte – pictórica, poética e musical. Mais informações podem ser obtidas por telefone (21) 25088295.

A professora Solange Leobons é mestre em tecnologias educacionais pela UERJ, e doutora Honoris causis em educação, pelo conjunto de sua obra. Trabalha, há 30 anos, com pesquisas sobre semiologia/semiótica, desenvolvendo estudos nas instituições onde atuou como professora universitária e/ou Coordenadora – tais como Bennet e Veiga de Almeida. Concluiu o curso de Formação de Professores em 1957. Trabalhou na Secretaria de Educação do Estado, como Especialista em Educação, e, em 1972, foi para o Serviço de Radiodifusão Educativa (SRE) junto ao nascente Projeto Minerva, que dirigiu por quase sete anos.

Visite a Biblioteca Tude de Souza.

Praça da República, 141-A, Centro, Rio de Janeiro.

Aberta de segunda à quinta feira,
das 13:00 às 17:00 horas.



Para receber gratuitamente um exemplar de nossos livros basta enviar à SOARMEC o valor correspondente à taxa de remessa de uma carta registrada: R\$ 7,00 (sete reais por livro). Faça um depósito na conta do Banco Itaú, Agência 0684, c/corrente 13953-8 e depois informe por e-mail soarmec@soarmec.com.br, ou via fax: (21) 25088295, indicando o endereço do destinatário.



O Ouvinte Permanente

Música (na cadeira) elétrica

Carlos Acselrad



ser executada naquele horário: todas as estações estavam transmitindo A Voz do Brasil, e a partitura não fora escrita para Voz do Brasil, mas para Rádio MEC.

O compositor do *Concerto...* revelou-se, ao longo da carreira, capaz de compor música de conteúdo artístico evidente e de exigida competência. Por outro lado, graças ao programa *Eletroacústicos* (MEC FM, quartas, meia-noite) ficamos sabendo (e pudemos ouvir) que o mi bequadro já fora solista de outra obra anterior ao frustrado *Concerto* (era uma peça para mi bequadro e harmônico).

Caber-nos-á discutir hoje – e aqui – o que significou um precursor como Stockhausen? Da mesma forma o que se assa nos micro-ondas do Laboratório de Música e Tecnologia da UFRJ? A única impressão possível é a de que se trata de algo transcendente à música dos mortais, e que paira nas nebulosidades da filosofia. Recolhamo-nos pois à modesta condição de acusmatas (aqueles alunos de Pitágoras a quem se permitia apenas ouvir, atrás de cortinados, as discussões dos matematas). Isto se torna possível graças, por exemplo, ao já aqui citado programa *Supertônica* que a MEC FM retransmite, também cuidadosamente, depois da meia-noite. Há nele tempo reservado à chamada “investigação do gosto” em que se submete trechos de música clássica à opinião do povo, sem seleção de classe (curiosamente, quando ouve clássicos, barrocos ou românticos, o adjetivo quase unânime é “relaxante”). Quando defrontado com eletroacústicos, o povo se recusa a acreditar que é música e faz comparações com instâncias produtoras de ruído (de bateria de escola de samba a desastre de avião). O resto do tempo se destina a algum músico brasileiro, de qualquer função.

Um programa recente deu espaço a uma incrível entrevista: compositor (sic) brasileiro radicado nos USA, formado pela Julliard School (!), professor, uma obra comissionada pela Filarmônica de NY (!!). Em meio a um discurso taquilálico – claramente destinado a não ser entendido – ouve-se o seguinte: “...então, eu

tenho trabalhado muito, ultimamente, com essa coisa ... assim... da modulação micrométrica... porque atualmente inclusive assim...” – Desculpe, um momentinho: o que é isso de modulação micrométrica?” “ - ...então, é essa questão assim... de 9 em tempo de 7, 10 em tempo de 5... entende?” “ – Sim, acho que se trata de quiálteras, um ritmo irregular... mas por que modulação?” “ – Então, pois é... nós temos trabalhado nessa questão inclusive com meus alunos...” etc e tal e coisa, ou seja: o professor não sabe do que está falando.

Ao que nós, plebe, saibamos, nenhum dos nossos mais importantes compositores aderiu à eletricidade ou ao borbulhar de peixinhos no aquário ou ao paralamo de Chevette 74 como instrumentos musicais. Como os Pendereckis e Lutoslavskius e Boulez, continuam satisfeitos com o piano ou a velha orquestra sinfônica. Não fora a evidência deste fato forçoso seria reconhecer: realmente não é mais possível usar sons para produzir música - resta-nos o ruído. Essa constatação nos remeteria à questão do velho e do novo. O conhecido mecanismo da associação de idéias leva o conceito de velho para junto do feio, desgastado, sujo, inútil: o novo é beleza, potência, renascimento. A busca do novo – tanto em arte como até em política – é unanimemente vista com simpatia e até entusiasmo; preservar o velho... nem tanto.

Conta-se que Villa Lobos, já com certa fama na Europa, seguiu conselhos e foi ao Instituto Nacional de Música inscrever-se no curso regular de composição. Na entrevista com o diretor, o famoso Francisco Braga, manifestou sua intenção mas já foi demolindo o Instituto, seu currículo, professores, métodos de ensino, reduzindo tudo a pó soterrado sob um qualificativo: ultrapassado. O diretor teria ironizado: “mas, pelo menos, o senhor pretende usar as mesmas sete notas que nós?”

Contato: acsel39@gmail.com

“Desde a redemocratização, indiferente à urgência da reforma política, ampla, geral e irrestrita, a educação não conseguiu avançar.”

Eduardo Portela

Excelentíssimo Saroldi

Renato Rocha

A cidade perdeu um dos seus cariocas mais expressivos. O microfone perdeu um de seus maiores craques. A memória do rádio ficou menor, e eu também: sua amizade me engrandecia. Poderia falar muito sobre esse figuraço multifacetado, mas, por questão de espaço, vou me deter no radialista, mais precisamente no grande mestre-sala do rádio-ao-vivo que ele foi.

Leve em conta, leitor, que quem está escrevendo estas mal traçadas é um profissional do rádio que redigiu, produziu e montou centenas de programas, mas se penitencia por ter feito muito pouco o rádio por excelência, ou seja, o rádio-ao-vivo: aquele que se equilibra em cima do momento. E que, nos anos 1970 e 80, quando a Rádio JB era a mais conceituada emissora da cidade, foi testemunha de que Saroldi atingiu a excelência desse rádio por excelência, estabelecendo um padrão que, a meu ouvir, nunca foi igualado.

A Rádio JBBC

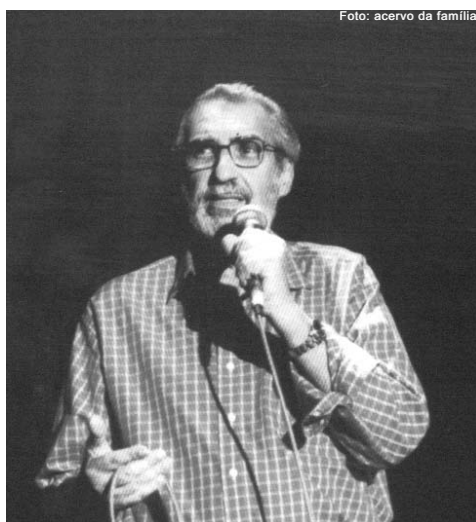
Para que os mais jovens possam apreciar melhor, vamos lembrar que a JB era uma espécie de BBC com anúncios, voltada para as classes A e B, e bússola orientadora de opinião e gosto. A partir do momento em que ajudou no parto e no crescimento da bossanova, a emissora foi ficando com a “cara” da cidade dos sonhos de todos os cronistas. Era a “cara” do Tom, a preferida de João Gilberto e de nove entre outras dez estrelas. Além disso, a emissora tomava emprestada a credibilidade do maior diário do país, na época, o *Jornal do Brasil* – o que lhe permitiu investir e consagrar o estilo *música & informação*. E mais: tinha audiência bem pontuada durante o dia, e, no horário noturno, possuía uma legião de ouvintes cativos – eu entre eles. Foi nesse horário, no lendário programa *Noturno*, que Saroldi inventou o seu estilo e começou a se tornar a “voz” da Rádio JB e uma das vozes mais características do Rio de Janeiro.

Na Rádio MEC, já pela SOARMEC – que teria sido só uma idéia, não fosse a sua imediata adesão – eu produzi 56 programas da série *Ao vivo entre amigos*, apresentados por ele. Mas também assisti várias vezes o craque em ação na Rádio JB, já na Avenida Brasil, no *As 10 mais da sua vida*, um programa semanal que teve mais de 400 edições e permitiu traçar um mapa do gosto musical dos entrevistados – sempre pessoas de peso no meio artístico e intelectual.

Como era

O programa era feito sem *script* e com pouquíssimas anotações. Ele pedia que o convidado fizesse uma lista das músicas, entregava-a ao discotecário, e, no dia marcado, recebia o convidado, como se ele fosse a

peessoa mais importante do planeta, e, durante 60 minutos, conduzia o programa pelas ondas radiofônicas com a maior naturalidade. E que grande navegador! Que grande artista da conversação! Não existia isso de entrevistador atropelando entrevistado ou pensando na pergunta que vai fazer em seguida, porque ele – outra raridade! – sabia ouvir. Tinha o dom. Com ele, além de se sentir ouvido pelos ouvintes da cidade e dos outros estados que a JB alcançava, o entrevistado sentia que também estava sendo escutado integralmente pelo próprio entrevistador, atencioso e sereno, que tentava adivinhar onde ele queria chegar e facilitava o caminho.



O seu instrumento

Gostaria por fim de deixar registrado o que penso do seu estilo ao microfone, seu instrumento de trabalho. Escrevo de ouvido, e posso estar cometendo um ou outro escorregão historiográfico, mas creio que, em linhas gerais, o panorama auditivo que vou tentar resumir está correto. (Já que não posso mais recorrer ao meu velho amigo, peço que outros amigos comuns, como Edino Krieger, João Máximo e Sergio Cabral me corrijam, se for o caso).

Vamos lá. Considero que a melhor maneira de dimensionar o estilo do Saroldi é traçar e comparar as linhas evolutivas da elocução de nossos locutores e cantores – evolução esta que, sabemos, foi marcada e provocada pelo aperfeiçoamento do microfone. Assim é que, na música, o padrão inicial do dó-de-peito – cujo papa é Vicente Celestino, com seu canto operístico e meio aporuguesado – vai dar lugar aos vozeirões tipo Francisco Alves, Carlos Galhardo & Orlando Silva (que conseguia ser suave apesar do esforço). No final dos anos 1940, com Dick Farney & Lúcio Alves, uma

forma de cantar mais aveludada (modelada no estilo de Bing Crosby) vai se tornar o novo padrão, até que, por volta de 1958, a sensibilidade dos microfones alcançaria a perfeição, tornando possível o canto suave de João Gilberto, Nara Leão et cetera. (Há uma exceção nesse percurso, por volta dos anos 30, com as gravações de Mário Reis, que descobriu um tipo de emissão que lhe permitia cantar sem esforço aparente, criando um estilo seguido por Noel Rosa e, mais tarde, influenciaria João Gilberto.)

A locução radiofônica

Quem criou o primeiro padrão foi o professor Roquette-Pinto, que tinha um vozeirão de tenor-abaritonado (acho que ele explorava o timbre agudo para penetrar mais) e um modo de falar meio institucional. Com César Ladeira, a partir de 1932, a escola paulista de locução começa a se impor. Cesar era advogado e, além do sotaque característico, falava como um juiz mediador no tribunal. Vários outros grandes locutores, como Celso Guimarães, Oduvaldo Cozzi, William Mendonça e outros, contribuíram para firmar esse estilo, no rádio carioca. Então, em meados dos anos 40, surge um locutor excepcional, uma espécie de Mário Reis da locução, misturando Dick Farney e falando como os cariocas falavam, num tom coloquial inédito: Paulo Santos (que ministrou uma oficina vocal na Rádio MEC, da qual Saroldi participou). No início dos 70, quando Saroldi começa a ir ao ar, ao vivo, ele adota precisamente esse tom coloquial e, acreditando no microfone e falando como se estivesse ao telefone, desenvolve aquele estilo sereno e elegante, que me parece equivalente à imitação do canto de João Gilberto – que, repetindo, era fã da JB.

Caberia aqui uma nota lembrando que, antes de Saroldi, a voz da JB era a do grande Jorge da Silva, o Majestade – que adequou seu vozeirão ao padrão de austeridade da JBBC, mas sofreu influência também do Paulo Santos, e a do competentíssimo Eliakim Araújo, que também era advogado e adotava um tom mediador e um tanto ou quanto institucional.

Saroldi, depois que criou o seu estilo, tornou-se companhia de uma legião de ouvintes cativos, por quase 20 anos. Muitos iam dormir embalados por sua voz, como o ouvinte anônimo que, durante o velório, manifestou em voz alta o seu agradecimento por todas as noites vazias que foram preenchidas pelo *Noturno*, pelo *Arte final variedades* e pelo *As 10 mais*.

Por tudo isso, e pelo fato de que, até o fim, Luiz Carlos Saroldi manteve o padrão de excelência que inventou, passarei a designá-lo, doravante, como o meu amigo Excelentíssimo.

DEPOIMENTOS

Valeu, Saroldi!

Isabel Lustosa

Ele era um amigo do qual eu me orgulhava e gostava de apresentar aos outros amigos, pois o Saroldi sempre fazia bonito. Saroldi cativava pela delicadeza e pela dignidade mas também por conta de um certo charme malandro, muito carioca, com alguma coisa da antiga Zona Norte, que caracterizava o seu humor. Ao mesmo tempo, toda a sua presença respirava sofisticação e cultura. E, desde que conheço, só o vi envolvido em projetos bacanas. Além da re-edição do livro sobre história da Rádio Nacional; uma peça musical que escreveu sobre Ary Barroso, estrelada pelo Tim Rescala e que fez temporada de

sucesso no CCBB; e um lindo espetáculo de música e poesia que ele apresentou uma vez no Paço Imperial, em torno do Bispo do Rosário. Meus colegas e amigos da Casa de Rui Barbosa, se tornaram amigos dele também e sempre que podíamos, o convidávamos para iluminar com suas luzes os nossos seminários. Memorável o trabalho que apresentou uma vez sobre a história do rádio brasileiro, aliando a narrativa em sua bela voz a documentos sonoros de seus preciosos arquivos. Toda a lembrança que tenho de nossa amizade é só de coisa boa e sou-lhe eternamente grata.

O luto evitável

Carlos Acsehrad

Não é o caso. O luto pode ser evitável, embora deva-se reconhecer que o trauma da perda não – é da natureza humana. O luto se evita naturalmente quando o convívio foi pouco, quando o conhecimento mútuo não chegou a originar sentimentos – admiração, respeito, identificação ... mas, em se tratando de Luiz Carlos Saroldi, não é o caso. Quem acompanhou-lhe a voz dede os tempo da Rádio JB até as entrevistas de *As 10 mais da sua vida* na Rádio MEC estabeleceu vínculos afetivos, obviamente não com o timbre mas com as qualidades de seu discurso. Pelas ondas do rádio – que ele valorizou e respeitou – timbre e discurso forjaram a personalidade capaz de criar laços afetivos nada frágeis com quem o ouviu. Quem com ele conviveu durante seus anos de presidência da SOARMEC, certamente desenvolveu sentimentos como respeito, admiração e até identificação. O luto é, aqui, inevitável, como inevitável também um chavão, contrário a seu próprio estilo: a História fará justiça a sua obra de jornalista, radialista, dramaturgo, professor? Parece inevitável – essa mesma História ensina que certas pessoas, ou obras, ou mesmo ideias, morrem mas não desaparecem.

Mestre Saroldi

Edino Krieger

Conheci Saroldi em 1953, quando já estava trabalhando havia 3 anos na Rádio Ministério da Educação. Recebi um convite, se não me engano de Pascoal Carlos Magno, para compor a música incidental para a tragédia *Antígona*, de Sófocles, que seria encenada por um grupo de teatro do Instituto de Educação. Saroldi era o diretor da montagem e participava do elenco no papel do cego Tirésias. Os atores eram amadores, estudantes, mas me impressionou a seriedade profissional que Saroldi imprimiu ao trabalho. E mais ainda me impressionou o belo timbre da voz grave de Tirésias.

Passei a conviver com Saroldi quase diariamente quando nos tornamos colegas de trabalho na Rádio Jornal do Brasil, onde, além de parceiros, nos tornamos amigos fraternos. Homem de teatro acima de tudo, não demorou para que o seu fértil talento criador propusesse um espetáculo montado e produzido totalmente por funcionários da empresa. Ele escreveu a peça, uma deliciosa comédia satírica – *Inocência quer girafa* – em que dois jovens ajudam um girafa solitário do Jardim Zoológico a resolver o seu problema amoroso, e ao mesmo tempo colocam o problema da preservação do meio

ambiente, então apenas começando a ser conscientizado. Claro que a música e a direção musical couberam a mim, e a peça fez uma breve mas divertida e bem recebida temporada no Teatro de Arena da UFRJ na Praia Vermelha.

Uma terceira experiência profissional com Saroldi foi a estreia no Teatro Municipal, em 1968, do meu oratório cênico *Rio de Janeiro*, composto em 1965 em homenagem ao 4º Centenário da cidade, mas estreado somente 3 anos depois, com o Coro e a Orquestra Sinfônica do Teatro Municipal sob a regência de Henrique Morelenbaum. Havia 3 solistas – um tenor, João Alberto Person, um barítono, Fernando Teixeira, e um narrador, Luis Carlos Saroldi, que emprestou seu belo e personalíssimo timbre vocal ao belo texto de Luis Paiva de Castro. Quando o maestro Morelenbaum me perguntou quem eu indicaria para a narração do texto, lembrei-me imediatamente da voz timbrada e da dicção perfeita do esplêndido Tirésias de 15 anos atrás. Saroldi teria feito, sem dúvida, uma bela carreira no teatro, como ator, autor e diretor, não tivesse sido cooptado pelo destino para o rádio, onde se tornou igualmente um mestre, além de um amigo inesquecível.

Saroldi era uma pessoa que eu gostaria que fosse exemplo e inspiração para os jovens de hoje. Era modesto, simples, sereno, sensível e educado. Como profissional era um mestre, mesmo sem pretendê-lo. Quem teve o privilégio de ouvi-lo, por exemplo, no Programa “Noturno”, não irá esquecê-lo jamais.

Alvaro Castellan

Rádio JB tinha ótima programação. Mesclava informação com credibilidade e música de padrão elevado. No começo dos anos 70, “As dez mais de sua vida”, apresentado das 22h às 24h, às segundas-feiras, não dava para perder. Em “As dez mais de sua vida”, Saroldi, que também produzia o programa, levava um entrevistado – sempre uma figura de projeção na vida cultural do país. Saroldi tinha outro programa de sucesso: “Estúdio A”. Até os anos 80, era possível ouvir a Rádio Jornal do Brasil em Campos, com um som de qualidade, o que, hoje, é impossível.

Anônimo

A Rádio do meu tempo

Luiz Carlos Saroldi

Entrevistado por **Renato Rocha** em agosto de 2003

Saroldi, como foi o seu começo radiofônico?

Acho que havia um rádio próximo do meu berço. Lá em casa se ouvia muito rádio – com a família inteira em volta, claro. Aquelas vozes, aquelas músicas, o falar carioca, chegavam por ali. Mas eu nunca pensei em trabalhar em rádio. Mas certa vez, ainda no curso científico, foram convidar jovens atores para participar de um programa na Rádio Nacional, escrito pelo produtor Mario Faccini, cunhado do Almirante. Isso em 1949, por aí. Fui selecionado para ir nesse grupo e vi de perto alguns dos grandes nomes da Nacional, além daquele estúdio maravilhoso de radioteatro. O programa era ao vivo, não se podia errar. Então, foi uma amostra do que era o profissionalismo da Rádio Nacional, com sonoplastia e anúncios, tudo entrando na hora certa. Mas apesar de deslumbrado com aquele clima, meu interesse maior continuou no teatro. Em 52, tranquei a faculdade para viajar como profissional com a companhia Carlos Couto-Aurora Aboim, trabalhando como ator e assistente de direção. Apesar da qualidade do repertório e das boas críticas, foram três ou quatro meses de "mambembar" pelo nordeste, o dinheiro não dava para as despesas. Então, retomei a faculdade e comecei a buscar um espaço no rádio.

Fiz um teste para locutor na Rádio JB. Me deram um período de experiência, abrindo a rádio às seis da manhã. Mas tudo ainda era muito rígido na JB. As pessoas falavam com a voz impostada, e foi difícil me enquadrar. Na época, a Rádio era dirigida pelo Oswaldo Éboli, o Vadeco, do Bando da Lua, tendo como assistente da direção o dr. Nascimento Brito, que começava na empresa. Pouco depois, saiu um anúncio no jornal dizendo que a Rádio MEC ia promover um curso de rádio para professores, advogados e estudantes. As aulas eram no estúdio sinfônico. Havia um número grande de participante, e foi muito interessante, porque, além dos locutores e produtores da Rádio, como Edino Krieger, Paulo Santos, Geny Marcondes e outros, conheci profissionais do nível de César Ladeira e do professor José Oiticica. O curso foi muito bem organizado por Neusa Feital, incluindo prática ao microfone, mas dali não saiu mais que isso.

Passa-se algum tempo e um dia reaparece a JB em minha vida. Agora por intermédio do Ivan Meira, ex-locutor e produtor da Rádio MEC que havia se passado para lá. A então PRF 4 continuava tentando se modernizar, mas não sabia bem o que fazer. As grandes emissoras eram 'eccléticas' – faziam de tudo: a Nacional e a Tupi, por exemplo, competiam no futebol, no jornalismo, nas novelas, nos programas de auditório e nos grandes e pequenos musicais. Poucas emissoras eram especializadas, ou segmentadas, como se diz hoje. A Rádio JB não tinha futebol, mas transmitia as corridas

de Jôquei e valorizava a música erudita bem mais do que a popular. De repente, surge lá a idéia de fazer um programa radiofonizado, aos sábados à noite, com adaptações de contos. Aí, precisaram formar um pequeno elenco de jovens atores. O Allan Lima era um deles. Não tínhamos contrato, mas recebíamos cachê para participar. Foi bom, mas não durou muito.

Isso em que ano?

Por volta de 54/55. Bem, eu continuei fazendo as minhas coisas, enquanto o rádio evoluía, tentando conviver com a chegada da TV. A Rádio Tamoio subia de audiência, com seu esquema "música, exclusivamente música", amparada em uma equipe de Bacharéis do Disco. Tentei um teste por lá mas não deu pé. Até que, em 59, a JB se decidiu a buscar de fato o seu caminho no rádio moderno. O responsável pela Rádio era agora o dr. Nascimento Brito, tendo como diretor artístico o jornalista e produtor Kosinski de Cavalcanti, que tinha sido da Rádio Eldorado e da Tamoio, e teve a preocupação de contratar uma equipe renovada. Levou, entre outros, Fernando Veiga e Dymas Joseph, e este indicou meu nome ao Kosinski. O novo diretor precisava de alguém que produzisse a simulação de um concerto ao vivo, com palmas, evidentemente gravadas. Devia ter um tema, um prólogo, uma bossa qualquer. O Dymas me chamou e eu apresentei um esboço. O Kosinski gostou tanto que me propôs um acúmulo de funções: ser assistente dele e programador coisa que eu não tinha feito até então, trabalhando com música popular. Eu aceitei porque o salário cresceu, e aí foi o meu batismo profissional, realmente.

Em que ano estamos?

Em 1959. O jornal havia modificado sua feição gráfica, modernizada pelo Odilo Costa Filho, em 1956, com o Amílcar de Castro, o Jânio de Freitas e o Reinaldo Jardim – que fazia o suplemento literário e tinha sido redator da Rádio JB. Com a saída do Kosinski, quem entrou pra direção foi o Reinaldo Jardim – que, além de poeta, gostava muito de rádio. Aí, então, se definiu a linha da JB como "música e informação". Alternava notícias, prestação de serviços e utilidade pública com música selecionada. E era selecionada mesmo: nem Roberto Carlos cantava lá – pra você ter uma idéia dos preconceitos da época. Além de programar, eu também escrevia. Um desses programas era o *Trailer Musical*, só musica do cinema. Nele comecei a brincar com o texto, quebrar a monotonia do "vamos ouvir... acabaram de ouvir". Contava historinha, fazia humor com os personagens do filme, e isso agradava. Ainda na época do Kosinski foi lançado o *Encontro na Discoteca*, um programa apresentado pelo Paulo Santos.



Foto: Clara Zuniga

Ele entrava pela discoteca com o microfone na mão e conversava com os programadores, cada um mostrava alguma coisa interessante em matéria de disco, executado na hora. Isso deu um novo dinamismo pra Rádio JB, que tomou sua feição definitiva com as idéias do Reinaldo Jardim. Ele criou o Serviço de Utilidade Pública e também inventou um chamariz para medir a audiência: *O garoto assobiador*. Era um rapaz que assoviava um tema duas ou três vezes por dia, no meio da programação, e o ouvinte tinha que escrever acertando as horas em que tinha ouvido o assobiador. Os acertadores ganhavam discos. Outra invenção do Jardim foi o miniprograma *Música também é notícia*, com 10 edições diárias, do qual fui o primeiro produtor. Apesar da canseira, foi uma fase muito estimulante, que me deu um "banho de rádio", porque até então eu só contava com aquele curso da Rádio MEC. Na JB aprendi a escrever programas de vários tipos, redigir chamadas e selecionar discos, coisa que eu nunca tinha feito. Esse período durou três anos, até que em 62 saí de lá para fazer publicidade.

A JB teve uma participação importante na bossa nova. Fale um pouco desse período.

Esse período da JB coincide com o nascimento da bossa nova, que ela ajudou a partejar, na verdade. Porque a preocupação com o repertório musical da JB não admitia gravações de som antigo, deficiente, ou acompanhamento pobre. A vestimenta musical de bom gosto era uma preocupação da direção e dos homens da discoteca – o Dymas Joseph, o Fernando Veiga, que tinham grande experiência nisso. Então, a bossa nova surgiu trazendo um som diferente. Me lembro de uma mesa redonda dos programadores com o Reinaldo Jardim e o Edino Krieger em que discutimos aquela novidade e concluímos que valia a pena abrir espaço na JB para a bossa nova, e aí começamos a garimpar cada disco que chegava. Ainda no *Encontro na discoteca* entrevistamos o produtor da etiqueta Festa Irineu Garcia, que foi nos levar o LP *Canção do amor demais*, com Elizete Cardoso, música de Tom e Vinícius. Me lembro até hoje dessa conversa: Irineu Garcia se tornou uma figura por quem tenho uma grande admiração.

continua na p.8

Ele era produtor de discos?

Era funcionário público, tinha um cargo no MEC, mas só pensava em música e poesia. Penso que essa posição da JB com relação à bossa nova indica como a emissora foi importante. Apesar de ser comercial, ela tinha a preocupação de oferecer o melhor a seus ouvintes. Tinha também um tom descontraído, marcado pelas vinhetas especiais gravadas pelo conjunto Os Cariocas, e uma equipe de locutores do melhor nível – vozes como as de Jorge da Silva, Eliakim Araújo, Sergio Cha-pelin, Maravilha Rodrigues, Orlando de Souza, William Mendonça, tantos outros. Nela existia uma certa aura, tanto que o número de órfãos da JB é hoje muito grande, não só aqui no Rio, mas por todo o Brasil.

Qual o alcance e o IBOPE da JB?

Nessa época, na virada dos anos 60, a JB com sua nova programação alcançou o quarto e o quinto lugares no Ibope, onde praticamente estacionou. Tínhamos a Nacional, que ainda resistia no 1º lugar, mas assediada pela Tamoi, com o 'música exclusivamente música'. Em compensação, a JB tinha o grosso da audiência nas classes A e B, de maior poder aquisitivo, e uma carteira de patrocinadores de primeiro nível, incluindo companhias de aviação e uns dez bancos. Então ela chegou a ser das primeiras em faturamento. *Música também é notícia*, que o Reinaldo Jardim inventou e eu produzi, teve outros patrocinadores e outros produtores que me sucederam, mas durou muito tempo. Assim como o sucesso de *Pergunte ao João*, produzido pelo João Evangelista, e apresentado pelo Majestade (apelido do locutor Jorge da Silva) e Maravilha Rodrigues. O alcance era bastante razoável – tinha transmissor de 50 kws, novo, bem posicionado, e que chegava a cobrir todo o Rio de Janeiro e alcançava São Paulo à noite, principalmente. Aliás, ela chegava bem na cobertura noturna da região Sul, por vezes penetrando no Uruguai e Argentina. Anos mais tarde, através das cartas dos ouvintes do *Noturno*, eu constatei que o alcance era muito maior do que se pensava, que ela chegava também em Jequié e outras cidades do nordeste. O crítico Zuza Homem de Mello me revelou certa vez que sintonizava exclusivamente a Rádio JB quando descia para o litoral paulista.

Você foi para a publicidade por questão de grana?

Foi: grana e um certo desentendimento. Um dia eu botei no ar em *Música também é notícia* Elza Soares cantando *Maria, Maria, Mariá*, do Billy Branco. O chefe da discoteca achou que fugia do nível da programação. Discordei, mas como não conseguimos chegar a um acordo, entreguei a produção do programa, o que representava um baque no meu salário. Aí, vim a saber

que havia uma vaga de redator na Standard Propaganda. Fui e passei no teste, e o salário compensava a saída da JB. A experiência com publicidade me deu um outro aprendizado: o lado das agências, o contato com a parte comercial. Eu escrevia anúncio para rádio, televisão, imprensa. Bem, aí chegam os anos turbulentos de 1960, com o parlamentarismo, agitações, as reformas de Jango, e de repente eu era um dos redatores da campanha pelo plebiscito que trouxe de volta o presidencialismo. Mas, depois de abril de 64, pedi demissão. Passei a ser *free lancer* de publicidade em vários lugares e a dirigir teatro na então Universidade do Estado

meteórica e desastrosa em certa fase da TV Rio, até que apareceu uma oportunidade de voltar à JB – ela estava se mudando do prédio antigo da Avenida Rio Branco para a Avenida Brasil, a sede nova, e eu fui para a JB, como programador e produtor.

Quem dirigia a Rádio JB?

Era o Carlos Lemos, jornalista encarregado do projeto da TV JB, então acumulando com a direção da Rádio. Fernando Veiga tinha um cargo de gerente e o Cleber Pereira ocupava a coordenação. Ali reencontrei amigos como Célio Alzer e o Ney Hamilton. O clima era muito

bom, mas era outra época: não a do e-difício simpático, da Rio Branco, e sim na sede moderna e um tanto fria da Avenida Brasil. Vivia-se também aquele clima de repressão, de cuidado com a divulgação de notícias. Mas me deram uma incumbência boa: de participar do programa *Noturno*, que era produzido em rodízio pelo Simon Curi e pelo Alberto Carlos Carvalho, tendo Eliakim Araújo na apresentação. Como o Eliakim tinha assumido o horário da manhã, eles tinham que escrever o programa e separar os discos de véspera. Fernando Veiga sugeriu que o *Noturno* ficasse mais jornalístico, incluindo entrevistas sobre cultura, uma espécie de *talk show*. O Eliakim continuaria como mestre de cerimônias, mas as entrevistas seriam feitas por mim, durante o dia, quando as pessoas podiam passar pela Rádio. Como o *Noturno* ia ao ar de segunda a sexta, e na terça entrava o *Especial JB*, aos cuidados do Simon, a produção era dividida por três: dois dias para o Simon Cury, dois para o Beto, e dois para mim – que ainda fornecia as entrevistas para os outros programas. O problema maior eram as férias do Eliakim. Nessas ocasiões tínhamos de improvisar com um locutor disponível. Mas a substituição era difícil, porque o Eliakim já identificava o programa – o *Noturno* começou em 72, estávamos em 75. Em uma dessas ocasiões, Fernando Veiga chegou pra mim e disse: "Olha, eu acho que você podia, além de entrevistar, apresentar o programa nas férias do Eliakim, pra gente ver como é que fica." Concordei, mas os primeiros dias foram constrangedores: eu não pegava a embocadura, até que comecei a brincar e a me soltar, e a coisa passou a funcionar. Claro que o Eliakim não gostou nada de ser deslocado do *Noturno*. Mas ele já era a principal voz da JB, ocupando as manhãs da Rádio. Além de apresentar as duas primeiras edições de *O Jornal do Brasil Informa*, ele tinha um programa matinal de entrevistas, mais gravações de comerciais. Passado o mal-estar inicial, a idéia vingou e eu fiquei, de 76 em diante, produzindo e apresentando o *Noturno*...



No Estúdio da Rádio JB, em 1979, entrevistando Clara Nunes.

da Guanabara. Mas o clima político também não me permitiu seguir adiante. Sobrevivi algum tempo numa espécie de marginalidade, escrevendo teatro e redigindo publicidade. Até que, por volta de 72, o Célio Alzer me chamou para dividir uma quantidade de programas que ele produzia para o Projeto Minerva, e comecei com uma série para Mossoró – uma experiência de ação comunitária pelo rádio.

Como era o clima da Rádio nesse momento?

Aquele início também me levou a radiofonizar a série *Quem conta um conto*. O Allan Lima era o diretor da Rádio. Eu escrevia, entregava os scripts e alguém produzia. Eu não gostava muito do resultado, nem o Allan. Aí ele pensou que eu poderia dirigir o radioteatro, e levou meu nome ao superintendente, que era o Avelino. No dia marcado para assinar o contrato, o Avelino voltou atrás, sem maiores explicações. Comecei a descobrir que o meu nome não era bem visto nos meios oficiais, talvez pelo que eu havia escrito em matéria de teatro. Com isso, eu não entrei para a Rádio MEC naquele momento. Tive depois uma temporada

de produção era dividida por três: dois dias para o Simon Cury, dois para o Beto, e dois para mim – que ainda fornecia as entrevistas para os outros programas. O problema maior eram as férias do Eliakim. Nessas ocasiões tínhamos de improvisar com um locutor disponível. Mas a substituição era difícil, porque o Eliakim já identificava o programa – o *Noturno* começou em 72, estávamos em 75. Em uma dessas ocasiões, Fernando Veiga chegou pra mim e disse: "Olha, eu acho que você podia, além de entrevistar, apresentar o programa nas férias do Eliakim, pra gente ver como é que fica." Concordei, mas os primeiros dias foram constrangedores: eu não pegava a embocadura, até que comecei a brincar e a me soltar, e a coisa passou a funcionar. Claro que o Eliakim não gostou nada de ser deslocado do *Noturno*. Mas ele já era a principal voz da JB, ocupando as manhãs da Rádio. Além de apresentar as duas primeiras edições de *O Jornal do Brasil Informa*, ele tinha um programa matinal de entrevistas, mais gravações de comerciais. Passado o mal-estar inicial, a idéia vingou e eu fiquei, de 76 em diante, produzindo e apresentando o *Noturno*...

Era ao vivo?

Era gravado à noite, o que dava maior atualidade às informações. Mas houve época em que passamos a fazer ao vivo, o que possibilitava a participação do ouvinte pelo telefone. Na verdade, muitas coisas boas me aconteceram na época do *Noturno*, embora eu não tivesse criado o programa. Com a saída do Simon Curi fui encarregado pela direção de produzir também o *Especial JB*, talvez o programa de maior prestígio da emissora – a biografia semanal de um grande artista, com chamada no jornal e, no dia seguinte, a transcrição da entrevista no Caderno B. Com o Beto Carvalho se voltando para outro setor, eu fiquei sozinho nessa produção – tinha apenas um assistente, e a participação do Ney Hamilton nas entrevistas. O *Noturno* tinha uma hora de duração e era como se eu tivesse uma cadeira de pista ou de calçada, num bar, onde passasse todo mundo importante. Quem fosse lançar um disco, uma peça ou se apresentar em show chegava para falar de seu trabalho. Dentro em breve entrava também literatura e artes plásticas, cinema ou balé, enfim, toda a produção cultural da cidade. Essa fase foi muito enriquecedora do ponto de vista pessoal e profissional, até que mudanças da programação da JB levaram à entrada das transmissões de futebol, e isso começou a colidir com o horário do *Noturno*.

O Noturno durou quanto tempo?

O *Noturno* nasceu em 72, eu cheguei em outubro de 74 e produzi até 83, mais ou menos. Em 80 fui premiado pelo Museu da Imagem e do Som com o Golfinho de Ouro em Rádio. Pouco depois houve a oportunidade de uma experiência nova em uma oficina de produção radiofônica, na Rádio MEC. Você e Marlene Blois me propuseram trabalharmos em conjunto com os funcionários da casa, com apoio do diretor Heitor Salles. Os objetivos eram promover o aperfeiçoamento profissional dos radialistas e discutir a linguagem do veículo, estimulando idéias de novos programas. Dali saíram frutos muito valiosos. Talentos se mostraram, como Zé Zuca e Mário Negreiros, por exemplo, e o formato do programa *SOS Língua Portuguesa*. Mas o principal foi o espaço aberto para a troca de informações, o intercâmbio entre as pessoas, arejando as cabeças e as formas de fazer rádio. Daí nasceu um convite do Heitor Salles para que eu assumisse a direção da MEC FM. Aceitei, até porque tinha diminuído minha carga de trabalho na JB. Mas foi uma experiência que durou pouco porque a direção da JB, quando soube disso, fez uma proposta – a mim e ao Antonio Hernandez, que também trabalhava nas duas emissoras – para darmos exclusividade ao Sistema JB. Nessa altura estava acabando o futebol e a rádio buscava nova formulação, mais jornalismo, *all news*, outras atrações. Defendi a idéia de voltarmos a ocupar o horário de fim de noite, tentando recuperar a audiência do *Noturno*, que havia se dispersado. Sugerir um programa maior, com outro título, e uma feição um pouco diferente, com dois apresentadores: o Maurício Figueiredo e eu, nos revezando pra poder dar conta da programação. O título mudou para *Arte final var-*

iedades. Os ouvintes aprovaram, porque era feito ao vivo. Para substituir o *Especial JB*, ia ao ar às terças, também ao vivo, outra atração: *As 10 mais da sua vida*, série que chegou a 219 convidados na JB e depois prosseguiu até o número 394 na Rádio MEC. Era uma pesquisa sobre a memória musical dos brasileiros, e mais tarde se transformou no tema de minha dissertação de mestrado na UFRJ.

Os telefonemas eram ouvidos no ar?

Não: o assistente de produção pegava as sugestões, opiniões e pedidos dos ouvintes e passava ao apresentador. Nessa época foi contratado para superintendente do Sistema JB o Geraldo Leite, da Eldorado de São Paulo, que me convidou para coordenador da Rádio em



Renato Rocha, Luiz Carlos Saroldi e Edino Krieger em uma das Assembleias da SOARMEC

todos os horários. Eu coordenava o horário noturno, e passei a responder pelo diurno também, escalando João Maximo, Tarik de Souza, Jota Carlos e Ana Maria Badaró, entre outros, para produzir e apresentar novas atrações. E com isso nós dinamizamos a Rádio. Mas aí esbarramos em um obstáculo: o declínio do AM, no sentido de faturamento publicitário. As agências e os clientes diretos privilegiavam a faixa FM – que estava subindo de audiência – ou investindo em televisão. Então chegou o dia em que a Rádio resolveu reduzir os seus quadros. E, com isso, foi dissolvida a minha equipe, que funcionava como um departamento cultural – nós tínhamos um grupo de produção paralelo ao jornalismo, gerando entrevistas e programas. Mas todo esse esforço se chocou com a realidade econômica. Tive no entanto, ainda nesse período, o prazer de participar de outros projetos radiofônicos, um deles convidado pela BBC de Londres para roteirizar e coordenar a série *O Rádio no Brasil*, comemorativa dos 50 anos do Serviço Brasileiro da BBC. O outro foi a descoberta da vitalidade e importância da peça radiofônica na Alemanha, participando de seminários e escrevendo textos sobre temas brasileiros produzidos pela emissora WDR, de Colônia.

Fale da decadência da AM e ascensão das FMs.

Bem, no Rio, a transmissão em FM foi explorada primeiro pela Rádio Imprensa, mas como música de elevador e sonorização de ambientes. No começo da década de 1970, surgiram a Eldorado, a Tupi; e a JB, em 73, quando são lançados os novos aparelhos de som

com faixa de frequência modulada e som estéreo. Essas emissoras se apresentavam voltadas para a classe A, e caracterizadas por uma programação musical sofisticada, com o mínimo de conversa. A JB/FM transmitia o dia inteiro grandes orquestras, grandes orquestrações populares internacionais, e de 20 às 23 horas entravam então os *Clássicos em FM*, uma programação especial, a cargo do Antonio Hernandez e do Edino Krieger, que editavam um boletim distribuído gratuitamente com o mês inteiro da programação. Os grandes anunciantes interessados na classe A, como companhias de aviação, fabricantes de bebidas etc. patrocinavam esses programas. Por paradoxal que pareça, até a redemocratização do país contribuiu para piorar as coisas, trazendo concessões de emissoras a políticos, religiões pentecostais e outras, menos interessadas na linguagem radiofônica. Aí, toda a faixa AM ficou muito poluída, o que transformou a JB em um corpo estranho – uma rádio que visava qualidade, tinha produções culturais, mantinha uma equipe jornalística numerosa, e que não conseguia sair do vermelho no fim do mês. Então, chegou a hora do castelo cair ou ter suas pretensões reduzidas. A redução não foi suficiente, até que a Rádio foi vendida.

A Rádio Cidade surge como?

O Sistema de Rádio JB percebeu que tinha uma boa FM voltada para classe A, e uma AM voltada mais ou menos na mesma direção, embora deficitária, e que precisava de uma rádio capaz de alcançar outro público, mais diversificado. Devia ser em FM, tanto por ser um modelo de instalação mais econômica quanto por representar um mercado em ascensão. Daí descobriram estar à venda uma emissora de Niterói, muito modesta, na qual puseram o nome fantasia de Rádio Cidade, e que foi instalada no prédio do JB, junto com as outras. Nesse ponto, é bom esclarecer um fato meio controverso, já que, segundo tenho visto nos últimos tempos, não faltam "pais" para filhos bonitos e de sucesso. Mas quem, na verdade, sugeriu e implantou o modelo de locução e programação da Rádio Cidade foi o Carlos Townsend, sobrinho da Condessa Pereira Carneiro. Esse rapaz tinha estudado rádio nos EUA e voltara empolgado com o estilo das rádios norte-americanas. Existiam duas propostas: a de uma emissora convencional, parecida com as outras, porém mais popular; e o modelo que o Townsend propunha, de 5 ou 6 apresentadores-operadores, podendo improvisar sobre os textos, e com uma série de bossas, além da novidade da programação musical voltada para o gênero discoteca. Era o formato pra conquistar a audiência jovem – que estava afastada do rádio, pois a faixa FM só pensava no público acima dos 30 anos. A direção calculava que a Rádio Cidade levaria pelo menos 3 meses para chegar ao primeiro lugar e ela chegou no primeiro mês – o Ibope se surpreendeu quando flagrou os motoristas ouvindo uma rádio que eles não sabiam qual era. Só então o Sistema JB promoveu campanha publicitária e a Cidade foi um acontecimento, sem dúvida nenhuma.

E a JB ganhou novo tipo de ouvinte, não é?

A JB passou a ganhar em duas frentes: na classe A madura, na JB FM, e também na juventude das classes A/B/C, com a Rádio Cidade. Com isso, as grifes e as butiques começaram a anunciar na rádio. Podia-se lamentar o pouco espaço da MPB na programação da Cidade. Mas reconheço que o Carlos Townsend apostou na novidade da época, o gênero discoteca, e dirigia os comunicadores com pulso firme. Era um modelo novo que o jovem adotou, porque era dançante e irreverente – características ausentes do rádio da época.

Retomando: você saiu da JB e vai para onde?

Eu saí em 92 da JB e, em 93, fui para a Rádio Nacional – o que me interessava muito por causa do livro *Rádio Nacional o Brasil em Sintonia*, que eu tinha escrito com a Sonia Virginia Moreira e que tinha ganho em 84 um prêmio da FUNARTE. Eu continuava interessado em compreender o fenômeno da Rádio Nacional e ampliar a obra, atualizando observações – e o fato de vê-la por dentro foi muito importante. No fim desse mesmo ano, o Jorge Guilherme veio para a Rádio MEC e me convidou, e eu fiquei durante algum tempo produzindo programas, prestando serviços para a MEC.

Como você sentia a Rádio nesse momento?

Para mim era muito visível um certo clima de serviço público na Rádio MEC, porque eu vinha de muitos anos em empresa particular. Mas quando retornei tive a impressão de que a realização da oficina havia contribuído para aquecer o ambiente de trabalho. Encontrei aqui, nos anos noventa, um clima mais estimulante, mais participativo, as pessoas menos temerosas de enfrentar novos desafios. Mas nesse momento eu ainda digeriria o trauma de ter visto a JB acabar, contabilizava outros naufrágios, como o da Nacional, e sentia não ser impossível que o mesmo acontecesse à Rádio MEC, por qualquer acidente de percurso. Imaginava como seria se os ouvintes não fossem apenas receptores, mas se houvesse alguma forma de participação deles em favor da emissora que sintonizam, como acontece em outros países. Se isso é mais utópico com relação às emissoras comerciais, não parece contrariar a filosofia das emissoras públicas ou oficiais, ao contrário. Daí começou a surgir a idéia de uma coisa que nunca foi tentada entre nós, e assim nasceu a Sociedade dos Amigos Ouvintes da Rádio MEC, isso em 1991/2.

Foi um ano trabalhoso, aquele. Discussão de estatuto, essa coisa toda de como fazer, e o apoio importante do Sergio Cabral, pai.

É verdade. Mas em abril de 92 a Sociedade já estava de pé, para dar a oportunidade da sociedade civil se manifestar com relação ao rádio. No caso da Rádio MEC, o rádio educativo, uma raridade entre nós – porque só tem mesmo a Rádio MEC fazendo isso e mais algumas emissoras universitárias espalhadas pelo



Luiz Carlos Saroldi entregando a presidência da SOARMEC para Hildebrando Araújo Góes, em julho de 2004

Brasil, quase todas lutando com todo tipo de carências. A Rádio MEC tem mais visibilidade, porque ela está presente na ex-Capital da República e também em Brasília. Então, ela deveria ter toda atenção do poder público para cumprir sua missão, e eu acho que o fato de existir uma sociedade de amigos que seja uma espécie de consciência crítica dentro do processo, pode trazer resultados. E a repercussão da Sociedade de Amigos da Rádio MEC provou que havia um espaço, tanto que acorreram pessoas que, na verdade, nem conhecíamos, como o professor Jorge Luiz de Souza e Silva – que acabou presidindo a primeira diretoria – mais o apoio de gente como a professora Maria Yedda Linhares, do Edino Krieger, do Ary Vasconcelos, e tantos outros que acorreram espontaneamente para fundar a Sociedade de Amigos. Isso prova que havia uma razão de ser pra ela. Entre as propostas trazidas pela Sociedade de Amigos Ouvintes da Rádio MEC havia uma que frutificou e que era exatamente contra a rotina dos programas gravados. Tudo era gravado – as pessoas não sabiam mais fazer programas ao vivo, economizando fitas, evitando desperdício de tempo, de operadores e tudo mais – e essa proposta frutificou. Tanto que, hoje, a própria Rádio mantém o *Ao Vivo entre amigos*, e outros programas do gênero no auditório sinfônico. Também resultou positiva a Biblioteca, embora não tenha uma procura muito grande de consulta, mas está aí a Biblioteca Tude de Souza, da SOARMEC, instalada com seus volumes de uma literatura básica e até bastante atualizada sobre rádio, para servir ao público em geral, aos estudantes e pesquisadores e aos profissionais de rádio.

Que outras realizações da SOARMEC você citaria?

Acho que tem sido estimulante a participação em pequenas coisas, como a instalação, nos corredores da Rádio, de retratos mostrando quem foi quem dentro da Rádio MEC, como o próprio Roquette-Pinto e a equipe de produtores e programadores de outros tempos – Cecília Meireles, Fernando Sabino, Carlos Drummond.

Enfim, essa preocupação de documentar o passado e o presente da Rádio é uma coisa positiva, embora muita gente não goste disso, ou se sinta melindrada com isso. Mas eu acho positivo, sim, porque é um confronto pra mostrar como o rádio era feito, porque temos que aproveitar a experiência do passado, não copiá-la, mas para traduzi-la de uma maneira atual, contemporânea. Um exemplo disso foi a série *Visão da literatura*, com adaptação em capítulos da leitura do *Memorial de Aires*, de Machado de Assis, que foi feito na gestão de Regina Salles com o apoio do Fundo Nacional de Educação. Foi um trabalho que trouxe de volta a narrativa sonora, um gênero praticamente ausente do rádio. Até hoje a BBC faz isso: um livro é lido antes da meia-noite, em capítulos, também. Então esse exemplo deveria frutificar.

Outra coisa seria o documentário radiofônico. Nós fizemos alguns, sobre Roquette-Pinto, sobre Paulo Tapajós e sobre Almirante, que eu me recorde.

Então, é preciso que o rádio não seja apenas musical ou apenas jornalístico. Uma emissora educativa não pode ficar num samba de uma nota só. Ela tem que variar a programação, tem que se preocupar, por exemplo, com a língua portuguesa. Se os jornais tem agora colunistas que focalizam os erros mais comuns de nosso idioma, e isso tem leitores, por que o rádio – que é muito mais eufônico e coloquial – não faz isso? Mas deveria ter, como já teve, aliás, não só português, outras línguas.

Outra iniciativa da SOARMEC que deu certo foi a de lançamentos de discos do acervo da Rádio, e que se expandiu, tomou até outro rumo mais atual, feito pela Rádio MEC. Então, tudo indica que, nos quase 11 anos da Sociedade dos Amigos Ouvintes da Rádio MEC, o saldo é positivo. Lastimo porém que as comemorações dos 80 anos do rádio no Brasil e dos 80 anos de fundação da Rádio MEC estejam aquém do que se poderia esperar desse ano, como gerar debates, seminários, estudos, publicações que pensassem melhor o rádio. Esta seria a oportunidade de uma grande comemoração, que não está sendo aproveitada. Tenho a impressão que isso seria mais que necessário: seria urgente. Não se justifica que o rádio só seja comentado quando faz aniversário, o que acontece de 10 em 10 anos. Só em uma data redonda os jornais e as televisões abrem espaço para o rádio e o próprio rádio abre espaço pra ele. É absurdo, porque esse espaço deveria ser permanente. Enquanto isso, a Sociedade de Amigos Ouvintes está aí, com uma vela acesa, esperando contribuições, esperando trocas, esperando oportunidades de trocas maiores, e de trocar influências e colaboração. Por que não?



Luiza Pupo



Depois de muitos anos de luta contra o câncer, tendo que se afastar nos últimos meses do trabalho e do convívio com todos nós, nossa querida Luiza Pupo pode finalmente descansar em paz. Ex-dirigente do Sindicato dos Radialistas-RJ, fundadora do Comitê pela Democratização da Comunicação-RJ, Luiza dedicou-se profissionalmente à área de pesquisa, tendo trabalhado por muitos anos no CEDOC da TV Globo e, desde 2004, no setor de pesquisa da Rádio MEC. Além de competente, Luiza tinha “faro” – qualidade indispensável ao pesquisador – e deu uma grande contribuição à pesquisa da história profunda da Emissora. Admiradora da SOARMEC, Luiza tornou-se uma es-

pécie de colaboradora extra-oficial e oficial da Sociedade, auxiliando com sugestões, dicas e coordenação de trabalhos em conjunto – caso da organização do acervo de scripts da Rádio, trabalho iniciado pela SOARMEC, com o auxílio do arquivista Alan Vilela e supervisão de Luiza. Outra fundamental colaboração de Luiza foi a pesquisa e organização de documentação para a realização do primeiro livro sobre a emissora, escrito por Liana Milanez. Pesquisando em Bibliotecas e acervos públicos e particulares, Luiza encontrou algumas preciosidades, como, por exemplo, as fotos do prédio onde hoje se encontra a Rádio MEC, ainda em fase de construção. Fotos, estas, que foram capa de nosso

Jornal de número 40. Outra grande contribuição Luiza deu ao trabalho fruto da parceria Rádio MEC, SOARMEC e FIOCRUZ, de beneficiamento do acervo da Rádio Sociedade. O projeto resultou na possibilidade de acesso físico e digital à documentação, que, em parte, pode ser consultada no website <http://www.fiocruz.br/radiosociedade>.

Luiza Pupo deixa uma filha (Yanna) e um neto (Pedro), frutos de uma relação de muito carinho, como mãe e avô, e causa de boa parte de sua força interior, que a ajudaram a enfrentar esse percurso final tão doloroso. E deixa também entre nós, muitos amigos entre todos aqueles que tiveram a felicidade de conhecê-la, e que lembraremos dela sempre com muita saudade.



A Rádio do Meu Tempo



Saroldi, no estúdio B da Rádio MEC, coordenando a gravação da Série “O Rádio Lido”, seu último trabalho na emissora. Ouça os programas no nosso website www.radioeducativo.org.br.

Ajude a Audioteca Sal & Luz



AUDIOTECA
SAL & LUZ

A audioteca grava e distribui livros
para deficientes visuais. Entre em
contato pelo telefone
(21) 2233-8007

Exodo de funcionários

NOTA DO EDITOR – A entrevista publicada no número anterior, sob o título *Êxodo de funcionários, provocou imediata contestação por parte da direção da Rádio MEC – diretores e gerentes que se sentiram injustiçados pelos depoimentos generalizantes nela contidos – e deu origem às cartas publicadas nesta e nas duas páginas seguintes. A primeira delas foi escrita pelo editor que, motivado pela liturgia da função, colocou o seu cargo à disposição da diretoria; a segunda foi escrita por Oscar “Cacá” Santiago, que participou da entrevista; e, por fim, a carta de Orlando Guilhon, o Superintendente de Rádio da EBC – que comenta ou rebate, ponto por ponto, os principais tópicos da entrevista –, e que, por questão de espaço, foi sintetizada em duas páginas (o mesmo espaço ocupado pela entrevista citada).*

Carta do editor ao presidente da SOARMEC

Rio de Janeiro, 8 de outubro de 2010.

Para Carlos Acelrad, presidente da SOARMEC

Após quarenta e cinco números à frente do Amigo Ouvinte – criado pelo saudoso professor Jorge Luiz de Souza e Silva, que respondeu pela editoria dos dois primeiros números –, acabei confundindo direito de edição com censura e cometi um cochilo editorial pela qual me sinto obrigado a pedir exoneração do cargo de editor deste informativo. Preocupado com a grave questão do êxodo profissional dentro da emissora, pautei uma entrevista com três dos seus mais emblemáticos radialistas – Demarie Betinho, e Ribamar –, os quais, em agosto, foram transferidos para outros órgãos do governo; e mais um quarto, o Oscar Santiago, que também estava em preparativos para sair. Ou seja, quatro pessoas com mais de 30 anos de trabalho na casa: um século e vinte anos de experiência em rádio educativo-cultural, indo embora para não voltar. A matéria era, portanto, mais do que pertinente, e o objetivo inicial era a de que, publicada, a entrevista se somasse à carta dos funcionários, dirigida ao ministro Franklin Martins, relatando o problema e reivindicando solução – carta esta que, você mesmo, Carlos, fez chegar às mãos do ministro, e que, diga-se, nunca surtiu efeito. O que aconteceu, no entanto, só a Lei de Murphy explica,

e poderia muito bem ser resumido pelo absurdo e hilário lema de competição derrotista beckettiano: “Falhar, falhar mais, falhar melhor”.

Porque, de fato, o editor falhou ao não considerar a circunstância de que estava dando o microfone para pessoas acostumadas a ficar atrás dele, e não à sua frente (e todos sabem que o microfone pode provocar reações as mais díspares em quem não está familiarizado com ele: desde a inibição até a bravata); falhou mais ao não conduzir a entrevista (Betinho estava com pressa, chegou cedo e, como um dos participantes atrasou-se, conversou, ainda em off, sobre o porquê das transferências), e mais: no corre-corre o editor falhou melhor ainda, pois, durante a entrevista, não retornou aos tópicos que foram ventilados em off – a pororoca entre a ACERP e a EBC, com os radialistas no meio, e o desinteresse demonstrado até agora pela cúpula de Brasília, em resolver a questão trabalhista dos funcionários e, com isso, tornando-se a responsável-última pela saída, a contragosto, daqueles radialistas.

“Fogo amigo” é um termo que, na guerra, se refere às baixas provocadas na tropa pelos próprios aliados. E este foi um típico caso de “fogo amigo jornalístico”, pelo qual me penitencio, aqui, assumindo a total responsabilidade por ter permitido a publicação, sem

cortes de uma matéria que não ajuda os funcionários em sua luta; nada acrescenta às belíssimas folhas de serviços prestados pelos entrevistados, não serve à SOARMEC, e não faz justiça ao esforço desenvolvido por pessoas como o senhor Orlando Guilhon e sua equipe. Uma matéria que só interessa aos adversários da EBC, a Empresa Brasileira de Comunicação – uma empresa que a SOARMEC aprova, apóia e torce para que dê certo. Mas uma matéria também que, dos males o menor, vai provocar a edição de um número especial de o Amigo Ouvinte – pelo qual ainda tenho o dever de me responsabilizar –, abrindo espaço para, em nome da EBC, as palavras do superintendente da EBC para, em nome da empresa, responder às colocações feitas na desastrosa entrevista. Ao assinar pela última vez a edição do número especial, já citado, reitero minhas desculpas a V.Sa., presidente, e a toda a diretoria da SOARMEC, sugerindo que, doravante, seja criado um conselho editorial para se ocupar das futuras edições de seu informativo oficial.

Renato Rocha, editor

EM TEMPO: Em reunião extraordinária para deliberar a respeito do assunto, o editor foi confirmado no cargo

Carta de Oscar Santiago

À SOARMEC

Caros Amigos,

Gostaria de falar a respeito da entrevista da última edição do Jornal Amigo Ouvinte, com o título “Êxodo de Funcionários”. Foram entrevistados: Ribamar Mendes, Roberto Monteiro e Demarie Henriques. E Participantes: Renato Rocha (Diretor Secretário da Soarmec e eu, Oscar Santiago (Diretor Tesoureiro da Soarmec). A entrevista começou com as lembranças nostálgicas da Rádio MEC do passado, onde em nossa juventude encontramos uma central de produções, orquestra sinfônica, rádio teatro e tantos outros encantos. Foi inevitável também lembrar os problemas aqui vividos com gestores desastrados e suas gestões desastrosas. No calor da emoção, foram feitas algumas colocações que considero injustas e, algumas omissões que me parecem injustas, principalmente no que se refere a gestão atual. É necessário separar o joio do trigo. O joio, aqui, não merece comentário de minha parte.

Já o trigo, esse sim merece nossa atenção. Como a di-

retora Regina Salles, eleita pelos seus próprios colegas, e que faz jus ao nosso respeito e consideração, pela excelente gestão, e que nos trouxe saudades da Rádio daquele tempo. A atual gestão, do Orlando Guilhon, onde temos colegas, amigos, companheiros e principalmente parceiros, também merece nosso respeito e admiração, visto que vem sendo realizado um ótimo trabalho de recuperação da Rádio Mec. No momento, SOARMEC e Rádio MEC estão mais uma vez juntas realizando alguns projetos, como a recuperação do Acervo da Rádio, patrocinada pelo BNDES, e trabalhando na retomada do rádio teatro.

O foco das nossas lamentações enquanto servidores públicos, na entrevista, estava no fato da criação da ACERP, onde ficamos sendo jogados de ministério para ministério, com o estigma de extintos e cedidos a ACERP. Depois, foi criada a EBC, e nada mudou para nós servidores. O silêncio dessas duas empresas fez a amplificação do rádio corredor: “Vocês não ficarão aqui na Rádio MEC não! Arrumem outro lugar para ir.

Ou então, ficarão assinando ponto lá no ministério, na mesa da Iolita”. É de se refletir sobre o forte impacto que esses comentários provocam em nós, que trabalhamos na Rádio MEC há muitos anos, muitos de nós, há décadas. Isso provocou o êxodo de funcionários públicos; colegas, amigos, companheiros de tantos anos. Tal como os três amigos da entrevista. Extinta está a Fundação Roquette Pinto, e não nós, servidores públicos, ativos, e que muito ainda temos a oferecer à tão querida Rádio Mec.

Termo reiterando, que toda a equipe da atual gestão: Orlando Guilhon, Liana, Liara, Sebastião, Marcelo, André, Xico e Cristiano merecem nosso apreço e consideração por todo o esforço que realizam em manter uma boa administração, fazendo valer o ideal de Roquette Pinto, mesmo convivendo com as dificuldades, devido aos entraves da ACERP/EBC.

Oscar Santiago – Diretor Tesoureiro da Soarmec

(ecos da entrevista)

Carta aberta ao companheiro Betinho

Ao ler o último número (47) do jornal Amigo Ouvinte, informativo da SOARMEC, fiquei entre surpreso, entristecido e indignado ao me deparar com a matéria Êxodo de Funcionários, onde aparece transcrita uma entrevista com três ex-funcionários das Rádios MEC, Roberto Montero (Betinho), Demarie Henriques e José Ribamar, além de um outro funcionário ainda lotado na MEC AM, Cacá Santiago. Ao longo da entrevista, os profissionais em questão expõem as razões que os levaram a pedir a sua 'redistribuição' para outros órgãos do serviço público federal. Em particular, nosso querido e estimado Betinho expressa várias opiniões que são, no mínimo, polêmicas, para não dizer 'deselegantes' e 'desrespeitosas' com a atual gestão das Rádios EBC e, portanto, das Rádios MEC, e com todos os seus profissionais. (...)

Vamos ao mérito das afirmações de Betinho, ou à análise do que está por trás dessas afirmações, daquilo que foi 'insinuado' mas não foi dito:

a) *'...A gente entrou aqui mais ou menos na mesma época, num momento em que a Rádio tinha vida...'*. Será que isso quer dizer que hoje não há vida nas Rádios MEC? Não há profissionais competentes (?), não há programas de qualidade (?), não há iniciativas de gestão corretas (?)... Se for isso, então Betinho cometeu uma profunda injustiça, com seus colegas profissionais, que continuam trabalhando nas MEC, e com seus parceiros de gestão (lembrando que até 4 meses atrás Betinho era parte da atual gestão das Rádios MEC, Coordenador (Líder) do Núcleo de Apoio Técnico), com os quais compartilhou projetos, esperanças e iniciativas, nos últimos 7 anos...

b) *'...A rádio era uma central de produção, e todo mundo se envolvia, se apaixonava, porque todo mundo trabalhava... A rádio que fez a gente se apaixonar não existe mais... O que vejo é uma desanimação total, não só na técnica, mas na rádio toda...'*. Nossa, quanta mágoa, quanto rancor, quanta parcialidade... Quer dizer que agora, tudo é diferente? As duas MEC (AM e FM) produzem conteúdos originais de programação diariamente, 24 horas por dia no ar, com pouquíssimas reprises... O que é isso, senão uma grande central de produção radiofônica? Quer dizer que hoje, os profissionais que trabalham cotidianamente para colocar no ar as duas emissoras MEC não o fazem com envolvimento, nem com paixão, ao contrário, impera uma 'desanimação total'? Pior, se antes 'todo mundo trabalhava', isso quer dizer que hoje 'ninguém trabalha'? Se foi isso que nosso Betinho quis dizer, foi de uma total infelicidade... Primeiro, porque não corresponde à realidade... Depois,

porque é um desrespeito supor que só no passado os profissionais das MEC trabalhavam com envolvimento e com paixão, e mais desrespeito ainda insinuar que hoje os profissionais das MEC não trabalham... Por fim, maior desrespeito é supor que as atuais Rádios MEC não fazem mais ninguém se apaixonar... É desconhecer o espírito de profissionalismo e compromisso de dezenas de seus profissionais, é desconhecer o carinho com que essas emissoras são tratadas pelos seus ouvintes fiéis, muitos dos quais participam semanalmente de vários programas ao vivo, no Auditório Paulo Tapajós e no Estúdio Sinfônico Alceo Bocchino. (...)

c) *'...A EBC é uma empresa que só tem cacique, não tem índios... Os índios que estão, estão sendo achincalhados, o tempo todo...'*. Desinformação, ou má fé? A EBC, como a ACERP, como toda e qualquer outra empresa, tem a sua cadeia de comando, seus gestores, chamados pelo Betinho de 'caciques'... Por exemplo, nas Rádios da EBC, além de outros companheiros de Brasília e da Amazônia, aqui no Rio, temos eu, como Superintendente de Rádio, Cristiano Menezes, como Gerente Regional, Xico Teixeira, como Assessor, Marcos Gomes, como Coordenador da Rádio Nacional do Rio, e Antonio Faya, Gerente de Operações, como gestores da EBC. Seríamos, 'caciques', na linguagem do Betinho. E, trabalhamos lado a lado com os gestores da ACERP, nas Rádios MEC, como Liana Milanez, Gerente Executiva, Sebastião Figueira, Assessor, Liara Avellar, Coordenadora da MEC AM, Marcelo Brissac, Coordenador da MEC FM, André Taxinha, Coordenador de Apoio Administrativo, e Kid, Coordenador de Apoio Técnico, substituto do Betinho em sua antiga função, portanto também ele, o Betinho, um antigo gestor da ACERP, um 'cacique'. Mas, existem também muitos 'índios' na estrutura das Rádios da EBC, sendo que a grande maioria nas emissoras Nacional (só na Nacional do Rio, são mais de 80 profissionais), e até mesmo nas MEC temos empregados da EBC, como Denise Viola e Marcelo Guima, além de vários outros profissionais (produtores, apresentadores) contratados como PJ's pela EBC, como Nelson Tolipan, Felix Ferrá, Jorge Roberto Martins, Tarik de Souza, José Schiller e, mais recentemente os novos profissionais que vieram a se agregar aos quadros da casa, como Magro Wagabi, Fabiano Canosa, a equipe de produção do 'Zoasom', entre outros. Seriam todos índios, segundo Betinho. E, desde quando, estes profissionais estariam sendo 'achincalhados'? Nunca, jamais. Ah, Betinho deve estar fazendo referência a um outro grupo de 'índios', o grupo de profissionais contratados pela ACERP, e principalmente ao grupo de 23 servidores públicos (RJU's) cedidos pelo Ministério do Planejamento à ACERP e lotados nas Rá-

dios MEC. Mas, sobre eles, falaremos mais adiante. É no mínimo estranho lembrar que, recentemente, quando da despedida do mesmo Betinho da Rádio MEC, todos nós, 'caciques' e 'índios', ligados à EBC ou à ACERP, prestamos a ele uma bela e singela homenagem, no Auditório Paulo Tapajós, pelos 32 anos de dedicação às Rádios MEC. Não me lembro, na ocasião, de nenhuma palavra tão dura de Betinho em relação à nossa gestão.

d) *'...Eu não vejo mais a Rádio MEC como uma rádio educativa... O (fim do) Radioteatro foi uma porrada... O (fim do) Projeto Minerva foi uma porrada... Acho que a Rádio está perdendo identidade... Que projeto de educação tem a EBC?...'*. Se Betinho conhecesse a história da Rádio MEC, como deveria conhecer, desde os seus primórdios, saberia que ela jamais foi uma rádio apenas 'educativa'... (...) Betinho acompanhou todo o esforço da atual gestão das Rádios MEC, por manter e ampliar esta missão institucional. Certamente ele não desconhece as inúmeras campanhas educativas que são feitas, ano após ano, sobre os mais diferentes temas da cidadania. Tampouco desconhece programas como 'Espaço Educação' e 'Expressão Literária', iminentemente educativos. Ou programas como 'Rádio Maluca', voltado para as crianças, ou o novo 'Zoasom', voltado para jovens e adolescentes, ambos com profundo viés educativo, ou o novo programa 'Blim, Blem, Blom' focado na música clássica para crianças, que estreará em novembro. Tampouco desconhece o projeto do novo Núcleo de Radioteatro, cujo Convênio com a SOARMEC está em fase final de formalização. Apenas para lembrar algumas ações desta atual gestão, (...) Quanto ao Projeto Minerva, projeto educacional elaborado nos anos 60/70 pelo antigo governo militar, mas no qual trabalharam inúmeros excelentes profissionais da Rádio MEC, produzindo alguns dos melhores momentos desta emissora, Betinho revela novamente seu espírito saudosista do passado, esquecendo que o método de 'educação à distância' utiliza hoje outras plataformas mais avançadas (satélite, internet), e que o rádio deixou de fazer 'educação formal' (aulas pelo rádio), passando a trabalhar um conceito mais amplo, de 'educação para a cidadania', que hoje norteia a linha editorial e de programação das Rádios MEC. Ao contrário de perder a sua identidade, sob o comando e gestão da EBC, as Rádios MEC estão exatamente recuperando a sua identidade, a partir do trabalho do atual grupo de gestão, nos últimos 7 anos e meio, iniciado sob a gestão da ACERP e continuado sob o comando da EBC, com uma visão mais ampla e mais moderna de educação, uma educação inclusiva e para a cidadania..

continua na p.14

Exodo de funcionários (ecos da entrevista)

(continuação da página anterior)

e) '...Hoje é tudo aquelas 'marcaçõeszinhas' burocráticas, regulando horinha... Há 30 anos atrás, a gente tinha uma gestão acho que muito mais moderna do que hoje...O modelo que está sendo aplicado hoje, esse de autoritarismo, está ultrapassado...Isto é um retrocesso... Nossa, agora o Betinho exagerou, ultrapassou todos os limites da ética e do bom senso. Comparar a atual gestão das Rádios MEC com a triste memória da gestão do período da ditadura militar, quando um Diretor como Eremildo Viana administrou a MEC com mãos de ferro, demitindo e perseguindo profissionais, censurando conteúdos informativos e autores musicais, seria cômico, se não fosse trágico. É desrespeitoso, infeliz, falacioso, equivocado, e principalmente injusto. É um direito de Betinho achar isso, e expressar esta opinião em sua entrevista. É um direito meu, em nome da equipe de gestão que comando, e de toda a equipe de profissionais das MEC, desmenti-lo, confrontá-lo com a verdade e colocá-lo em seu devido lugar. Não vou perder tempo lembrando ao Betinho o que significaram os tristes anos da ditadura militar em nossa história, nem o papel dos milhares de militantes que lutaram pela justiça social e pela democracia, para por fim ao regime militar e permitir que hoje, milhões de cidadãos brasileiro possam expressar livremente a sua opinião, como o faz agora o próprio Betinho. O desrespeito de Betinho atinge diretamente todos os atuais gestores da área de rádio da EBC, independente dos vínculos trabalhistas com a EBC ou com a ACERP, pois nos coloca na vala comum do autoritarismo (expressão usada por Betinho duas ou três vezes em sua entrevista), mas é também desrespeitoso com outros gestores que por aqui passaram, e deixaram suas marcas, realizando gestões democráticas e participativas, como Luiz Alberto Sanz e Regina Salles, para citar apenas dois. É um direito de Betinho achar que há 30 anos atrás se fazia uma gestão mais democrática nas Rádios MEC, e a achar que o Estatuto da EBC é autoritário, mas desafio o Betinho a demonstrar que naquela ocasião existiam ferramentas de 'controle público' como existem hoje na EBC (Conselho Curador, Audiências Públicas, Colóquios de Parcerias, Reuniões com Funcionários, Ouvidoria, Colóquios com Ouvintes, Centrais de Atendimento aos Ouvintes). Ao contrário do que diz Betinho, a EBC não é uma pá de cal, é uma 'lufada' de modernidade, é uma proposta de comunicação pública mais arrojada, mais moderna, mais avançada, principalmente no tocante às formas de 'controle público'. (...) Mas, infelizmente, as críticas do Betinho não terminaram por aí. Betinho faz uma acusação grave, quando diz: '...Jornalismo? Não pode falar mal do Lula, não pode falar mal da Dilma...' Neste caso, Betinho

está sendo mais do que irresponsável.(...) Nunca, sob nossa gestão, houve qualquer orientação nesse sentido. Fazemos e continuaremos a fazer um jornalismo responsável e cidadão. Nos negamos a manipular a informação, como o faz a mídia comercial tendenciosa. Nos pautamos por princípios de jornalismo público, com o foco no cidadão, no interesse do cidadão, com imparcialidade e ética. Desafio o Betinho a provar, dando nomes, datas e lugares, quando e onde, qualquer membro da nossa equipe de gestão exerceu seu poder para coibir, censurar, impedir que tal ou qual notícia fosse veiculada. (...)

f) '...E tem aquele boato de rádio corredor: quem vai ficar não pode ficar... Isso vem de um processo de desgaste que começou com a ACERP...' Finalmente, uma verdade, e uma outra meia-verdade. Betinho reconhece que o problema com o corpo de funcionários das Rádios MEC começou quando a antiga Fundação Roquette-Pinto virou Associação de Comunicação Educativa Roquette-Pinto (ACERP), em 1997/1998 (Governo FHC). A partir daí, passamos a ter dois tipos de empregados profissionais: os CLT's (contratos pela ACERP) e os RJU's (cedidos à ACERP pelo Ministério do Planejamento). Este último grupo, hoje no montante de 114 na ACERP e apenas 23 nas Rádios MEC, passou a viver uma situação kafkiana, pois passaram a ser considerados parte de um órgão extinto, e foram 'enquadrados' num 'quadro em extinção, como se no limbo estivessem. As sucessivas gestões da ACERP não conseguiram resolver este problema, que foi se agravando com o tempo. Com o surgimento da EBC o quadro se agravou, pois a ACERP passou a jogar um papel secundário dentro da construção do novo projeto de comunicação pública, e a incerteza passou a dominar o ambiente de trabalho, contaminando tanto CLT's como RJU's, pois a EBC tinha seu quadro próprio de profissionais. Diante do Decreto Presidencial de dezembro de 2009, que permitia uma maior 'mobilidade' de RJU's entre os diversos órgãos da administração pública federal, passou a haver um processo de 'exodo' desses profissionais dos quadros da ACERP (e, portanto, também das Rádios MEC), em direção a outras instâncias e órgão do Governo Federal (do MINC, MEC, Casa Civil, etc). Com muita tristeza e pesar, vimos muitos bons e competentes profissionais abandonarem suas histórias e carreiras nas Rádios MEC. Não fizemos nada para impedir, enquanto gestores mais imediatos, pois esse passou a ser um desejo desses profissionais, em busca de melhores condições de salários e de trabalho, e não nos cabia 'atrapalhar'. Nem sempre, como vemos agora, essas 'transferências' implicaram imediatamente em melhorias salariais em outros órgãos. Mas, não importa. O clima de incerteza quanto ao futuro da ACERP, e principalmente o 'marasmo' provocado pela manutenção desses profissionais no tal 'quadro em extinção', fez que que eles se

movimentassem desta maneira, e foram respeitados por isso. Ninguém foi impelido a sair, também ninguém foi impedido de sair, mas procuramos alertar com relação aos diversos boatos que se espalhavam na 'rádio corredor', falando de melhorias salariais imediatas. Não é de desconhecimento dos profissionais das MEC (tanto RJU's, quanto CLT's) o quanto nossa gestão tem 'brigado' junto às principais instâncias de gestão da EBC por uma solução mais definitiva quanto ao futuro da ACERP, que possa garantir empregos e salários, assim como uma solução mais adequadas em relação ao caso dos RJU's. É compreensível o estado de espírito de alguns desses profissionais, e respeitamos a decisão de alguns deles de abandonarem o projeto das Rádios MEC. Mas, apenas para fazer justiça, é necessário não jogar a criança fora, junto com a água suja e, principalmente, ter a grandeza de não confundir o seu estado de espírito emocional, com um projeto de política pública de comunicação, muito mais amplo, consistente e complexo.(...)

O que teria levado quatro profissionais com tantos anos de experiência e dedicação às Rádios MEC dar as declarações que deram, eivadas de tanta mágoa e rancor, fazendo confusão entre a ACERP e a EBC, misturando questões reais com inverdades, fazendo acusações e ilações indevidas, disparando para todos os lados? Só podemos creditar tudo isto a uma mistura entre saudosismo de uma época que passou, desgaste pela situação profissional esdrúxula vivida nos últimos 13 anos, e uma certa dose de irresponsabilidade.

Por fim, resta cobrar aqui aos editores responsáveis pelo jornal Amigo Ouvinte, por não terem tido a preocupação, a gentileza e a correção de ouvir o outro lado, diante de uma entrevista com um conteúdo tão delicado. Não se trata de nenhum limite ao exercício da tão badalada 'liberdade de expressão'. Mas, para nós, responsabilidade é o outro lado da liberdade, e parece que neste caso, faltou sensibilidade e responsabilidade aos nossos parceiros da SOARMEC para terem a dimensão do equívoco que estavam cometendo. Aliás, este número (47) do jornal comete uma contradição, pois na contramão da matéria-entrevista tão polêmica, reconhece, em outras matérias, inúmeras outras iniciativas desta gestão, como a compra dos novos transmissores, a criação do Núcleo de Radioteatro, a iniciativa do I Prêmio Roquette-Pinto, o projeto de recuperação do Acervo da emissora, os novos programas na MEC AM e na MEC FM, entre outras iniciativas.

Orlando Guilhon

Superintendente de Rádio da EBC

“Toda vez que um brasileiro abre um livro, o Brasil melhora”

Ruy Castro

EBC promove audiência pública



Da esquerda para a direita: 1) Tereza Cruvinel, Diretora Presidente da EBC; Ima Célia Viera, Presidente do Conselho Curador da EBC e Diogo Moysés, Membro do Conselho Curador da EBC. 2) O auditório da Rádio Nacional lotado, para a realização da audiência. 3) Detalhe do público presente.

Tomando uma iniciativa louvável e bastante rara, entre nós, a EBC – Empresa Brasil de Comunicação – promoveu, no dia 1 de junho, na Rádio Nacional, uma audiência pública para expor e debater com os ouvintes e espectadores os rumos da TV Brasil e das estações de rádio que compõem a sua rede de emissoras. O auditório lotado da emissora (foto) deu bem a medida da resposta do público a esse tipo de evento, que contou com a presença da presidente da EBC, Tereza Cruvinel; dos ministros Franklin Martins e Juca de Oliveira, do Coordenador da Emissoras de Rádio, Orlando Guilhon e dos gerentes regionais das 8 rádios pertencentes à cadeia radiofônica da EBC. O evento, que foi transmitido ao vivo pela TV Brasil (nenhuma rádio botou no ar), durou quase cinco horas, das quais mais de três horas e meia foram dedicadas à TV e o restante, às emissoras radiofônicas da EBC – o que dá bem a medida de que a preocupação dos dirigentes com a televisão continua (*veja box ao lado) sendo bem maior – mesmo quando se sabe que a penetração das rádios ainda ultrapassa muito a da TV. Por

conta disso, foi bastante simbólico o fato de que a presidente da EBC, que participou da mesa durante toda a primeira parte, tenha cedido o lugar e saído do palco assim que o rádio passou a ser o assunto.

Mas o público ali presente também deixou claro que se interessa mais pela televisão, pois, assim que terminou o debate televisivo, quase metade da platéia se retirou. E, mais: quando os microfones foram franqueados, ficou claro que os telespectadores têm uma visão mais profunda do veículo TV, do que os ouvintes têm a respeito do veículo rádio. Enquanto que, em seus pronunciamentos, os ouvintes cobravam um melhor entretenimento (com mais coisas de seus gostos pessoais: um programa dedicado ao samba ou uma programação erudita sem música ‘difíceis’, etc.); os telespectadores ou mostraram mais compreensão do seu papel de consumidores ou criticaram com pertinência determinados programas ou postularam uma televisão mais brasileira e mais cultural.

Não podemos afirmar que o público presente ao encontro representava uma amostragem dos telespecta-

dores e ouvintes brasileiros, mas seu comportamento dá o que pensar. Palmas para os organizadores do evento: que venham outras audiências públicas e que elas se tornem periódicas.

* Usamos o verbo ‘continuar’ porque, desde que nos governos militares a TVE e a Rádio MEC passaram a ser administradas conjuntamente pelo Ministério da Educação (com a Fundação Centro Brasileira de TV Educativa e depois Fundação Roquette-Pinto), ou fora dele (com a extinção da FRP e o advento da neoliberal ACERP) o rádio se tornou uma espécie de primo pobre da TV. A TV sempre foi a menina dos olhos dos administradores de plantão, e o rádio se tornou a pulga atrás da orelha. Esse assunto já foi mais do que detalhado nas páginas desse informativo. Por questão de justiça, no entanto, o Amigo Ouvinte não pode deixar de registrar que, sob a administração da EBC, a Rádio MEC tem recebido inusitada atenção: os novos e tão esperados transmissores já chegaram e foram instalados e dentro de alguns meses o prédio sede da emissora será totalmente reformado.

NÚMEROS DOS WEBSITES

Registrados de 1 de setembro a 30 novembro de 2010

www.radioeducativo.org.br www.soarmec.com.br

Total de vistas:	6.314	Total de visitas	7.067
• Média diária:	70	• Média diária	78
• Página mais visitada:		• Páginas mais visitadas:	
Apostila rádio	550	Catálogo discos	351
• Downloads:		Biblioteca	319
O Rádio <i>Educativo no Brasil</i>		Radioforum	167
(Fábio Pimentel)	249	Entrevista Saroldi	480

NÚMEROS DA CAO

Tabulação feita por Renata Mello, com base nos relatórios semanais da Central de Atendimento ao Ouvinte (tel: 21177853), de 1 de setembro de 2010 a 30 de novembro de 2010.

Total de ligações: 4296 em 91 dias, numa média de 47,2 ligações por dia

MEC AM

Total de ligações	2271
• Inf. e Sugestões	154
• Sol. cópias	11
• Programas	793
• Promoção	170
• Elogios e críticas	26
• Outros	1117

MEC FM

Total de ligações	2025
• Inf. e Sugestões	287
• Sol. cópias	2
• Programas	578
• Promoção	1027
• Elogios e críticas	79
• Outros	52

